

Pope, florinhas e cisnes:

o prefácio de Maia Ferreira às suas compatriotas

Francisco Topa
U. Porto / CITCEM

Primeiro natural de Angola a publicar um livro de versos, José da Silva Maia Ferreira faz parte da história da literatura em Angola mais por razões simbólicas que propriamente pela qualidade literária dos seus textos. Isso não significa, porém, que não haja razões para se prosseguir com o estudo da sua vida e da sua obra: como as pesquisas recentes em ambos os campos têm mostrado, há muitos aspetos interessantes por estudar, quase todos capazes de auxiliar também na compreensão da época. Um desses casos é o prefácio “Às minhas compatriotas”.

Como é habitual em textos desse tipo, trata-se de uma espécie de apresentação do volume, em que o autor justifica a publicação e identifica as linhas da sua poética. Um dos pontos que nele se destaca é a epígrafe: em parte pelo seu conteúdo, mas sobretudo pelo seu autor (Pope) e pela língua utilizada (o inglês). Note-se que o recurso à epígrafe é relativamente frequente em *Espon-taneidades da minha alma*: para além do prefácio, Maia Ferreira usa paratextos desse tipo em mais 17 ocasiões, sendo oito deles em português¹, oito em francês² e um em latim.

¹ Por ordem cronológica: os portugueses Bocage (1765-1805), Almeida Garrett (1799-1854), António Feliciano de Castilho (1800-1875), António Firmino da Silva Campos e Melo (1804-1867), João de Aboim (1814-1861), João de Lemos (1819-1890), Jorge Guilherme Lobato Pires (1829-1866) e o brasileiro Gonçalves Dias (1823-1864).

² Estes últimos foram estudados por Salvato TRIGO (s/d: 102-105). São eles: André Chenier (1762-1794), Charles Hubert Millevoye (1782-1816), Victor Hugo (1802-1885) e Delphine Gay (ou Girardin ou Madame Érmile de Girardin) (1804-1855). A estes acresce um texto do próprio Maia Ferreira.

Classificada por Gérard Genette como peritexto, a epígrafe tanto pode valer por si e pela relação que estabelece com o texto que precede, como pode valer pelo seu autor e pela garantia de autoridade ou de prestígio que ele oferece (cf. GENETTE, 1987). No caso do prefácio de Maia Ferreira, temos um autor de grande notoriedade, Alexander Pope (1688-1744), mas do século anterior. A sua circulação em Portugal (e junto de alguns autores da América portuguesa) é inequívoca, mas verifica-se sobretudo durante o chamado neoclassicismo, embora, como notou Jorge Bastos da Silva:

Pope (...) mostra-se um autor anacronicamente actual, cujo prolongado impacto no Oitocentismo literário português é revelador da persistência de fortes tendências classicizantes (deste ponto de vista, pode notar-se de passagem, a sua influência tem o mesmo sentido que a de Boileau – e assume modalidades semelhantes). De Pope são citados versos a servir de epígrafes a poemas, e evocadas sentenças a reforçar argumentos no domínio da estética e no âmbito de debates morais. (1991: 112)

Atendendo ao conteúdo dos versos, não é difícil identificar o texto de Pope: trata-se de *An Essay on Criticism* (publicado pela primeira vez em 1711, mas começado a compor quatro anos antes), correspondendo a citação aos vv. 100-101 da Part I: “The gen’rous Critick fann’d the Poet’s fire, / And taught the World, with Reason to Admire.” (POPE, 1961: 250).

O fragmento é acompanhado da tradução, cuja fonte é a versão em prosa que o Conde de Aguiar, D. Fernando José de Portugal e Castro³, publicou em 1810 no Rio de Janeiro⁴: “O Crítico generoso assoprou o fogo do Poeta, e ensinou ao mundo a admirar com razão.” (POPE, 1810: 31).

Os versos em causa estão integrados numa passagem em que Pope, depois de ter defendido a necessidade de se seguir sempre a lição da natureza, salienta a importância da imitação dos antigos e do respeito pelas regras. Segundo ele, na Grécia antiga, o crítico tinha um papel duplamente positivo: apoiar o poeta

³ Fernando José de Portugal e Castro (Lisboa, 1752 – Rio de Janeiro, 1817), Conde – e depois Marquês – de Aguiar, foi governador da Bahia, vice-rei do Brasil e ministro do Príncipe Regente D. João. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, seguiu durante algum tempo a carreira da magistratura, tendo desempenhado funções no Tribunal da Relação do Porto e na Casa da Suplicação. Para além do *Ensaio sobre a Crítica*, traduziu também os *Ensaios Morais* de Pope (Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1811).

⁴ Dois anos depois, sairia em Londres uma tradução em verso, devida à Marquesa de Alorna.

e mediar a relação deste com o público. Percebe-se com facilidade a razão que levou Maia Ferreira a escolher esta passagem: num processo de *captatio benevolentiae*, trata-se de obter do destinatário – as “minhas compatriotas” – uma receção idêntica à do “Crítico generoso”.

E, de facto, todo o prefácio é defensivo, procurando ao mesmo tempo assegurar alguma proteção para o livro que se apresenta e rebater, por antecipação, eventuais críticas. A escolha de um destinatário particular faz igualmente parte dessa estratégia: as “minhas compatriotas” continuam a ser as “senhoras africanas” do título do volume, mas invocadas de um modo que destaca os laços afetivos que unem as três partes – autor, leitores (leitoras) e terra natal. É que, se hoje pátria significa, de acordo com o Houaiss, o “país onde se nasce e ao qual se pertence como cidadão”, noutros tempos indicava sobretudo a terra – não o país – onde se nasceu e à qual se está ligado por uma espécie de laço familiar: *terra patria*, em latim, é a terra do pai, que vem dos pais, tradicional, hereditária. Este valor mais afetivo que político fica bem sublinhado no verbete que, no século anterior, Rafael Bluteau (1720: VI, 320) dedicou ao vocábulo:

pátria. A terra, Villa, Cidade, ou Reyno, em que se nasceo. Ama cada hũ a sua patria, como origem do seu ser, & centro do seu descanso. Raras vezes sahem as aves do bosque, em que tiveraõ seu ninho. Tem a patria qualidades retentivas para os que nascem nella, & attractivas para os que della se apartaõ. Representavãõ os antigos o amor da patria em figura de mancebo; porque este amor, ao contrario dos outros, cresce com os annos, & não passa das caricias ao desdem, & do fogo à neve, como quando chega a velhice. O mais agradável domicilio, he o da casa paterna, & os que mais estimãõ os peregrinos mais que os sedentarios na opinião de Plutarco, sãõ como aquelles que preferem as estrellas fixas às errantes. Até as feras amãõ os seus covês, & as serpentes as suas cavernas. A Patria de Ulysses, não era Roma, cabeça do mundo, & throno da gloria mundana, nem era sua patria Athenas, honra da Grecia, & cadeyra de Minerva. Patria deste famoso Varaõ era Ithaca, Ilheo do mar Jonio, esteril, & deserto; sahio delle para a guerra de Troya, em que militou dez annos, & depois de outros dez annos de navegaçaõ foy deyxar a ossada no seu penedo.

Mais à frente, a propósito da etimologia e numa espécie de antecipação do debate sobre a forma alternativa *mátria*, escreve o teatino: “O nome Patria, disse Hierax, ou Hieracles, Philosopho Egypcio, se derivou de Pater, porque ella he nosso pay; pronuncia-se com terminação feminina, porque tambem he

nossa mãe, & por isso como a pay, & mãe a devemos estimar, & amar.” (BLU-TEAU, 1720: VI, 320).

Essa visão de pátria – e, portanto, de *compatriota* – está representada em alguns dos poemas do volume de Maia Ferreira, a começar por aquele que leva por título “A minha terra”. Veja-se a seguinte passagem:

É minha pátria ufanoso o digo!
Deu-me o berço, e nella vi primeiro
A luz do sol embora ardente e forte.
Os meus dias d’infância ali volveram
No tempo ao coração mais primoroso,
Nesses dias ditosos, em que apenas
Ao mundo dispertado, vi e ouvia
Por sobre os lábios meus roçarem beijos
Beijos de puro amor, nascidos d’alma,
D’alma de Mãe mui carinhosa e bella! (FERREIRA, 2018: 17)

Depois desta breve reflexão sobre a epígrafe e os destinatários, vejamos outros aspetos do prefácio, alguns dos quais também inspirados em *An Essay on Criticism*. Tal é o caso do tópico da vaidade e da imagem das florinhas que lhe é contraposta. No poema de Pope, há várias passagens sobre a afetação, como é o caso do v. 204: “Is *Pride*, the *never-failing Vice of Fools*.” (POPE, 1961: 264)⁵. Mas há outro segmento facilmente relacionável com um trecho do prólogo de Maia Ferreira:

In *Youth* alone its empty Praise we boast,
But soon the Short-liv’d Vanity is lost!
Like some fair *Flow’r* the early *Spring* supplies,
That gaily Blooms, but ev’n in blooming *Dies*.⁶ (vv. 496-9; POPE, 1961: 264)

Os dois dísticos de Pope foram adaptados do seguinte modo pelo poeta angolano:

⁵ Assim traduzido pelo Conde de Aguiar: “he a *Vaidade*, vicio inseparavel dos fatuos.” (POPE, 1810: 51).

⁶ Tradução de Portugal e Castro: “Na mocidade he que só nos jactamos do seu frívolo louvor: mas logo acaba a vaidade de curta duração; semelhante á linda flor produzida anticipadamente pela primavera, que apenas engraçada floresce, logo murcha ao brotar.” (POPE, 1810: 101).

Nesta nossa mocidade em que quasi todos se jactam de ser poetas – porque tambem o não serei? – Chamar-me-hão vaidoso? – Se-lo-hei, embora esta minha vaidade seja de curta duração, – embora as minhas florinhas produzidas antecipadamente pela primavera – logo murchem ao brotar. (FERREIRA, 2018: [5])

Como se percebe facilmente, Maia Ferreira ressignifica tanto a vaidade quanto as flores trazidas pela “early Spring”: assumindo a primeira, identifica as segundas com os seus poemas, admitindo que estes podem sobreviver a um ambiente cultural desfavorável (o “ardente sol da nossa terra”) e a uma crítica mal-intencionada (o “halito pestífero dos zoilos mordazes”), uma vez que beneficiarão dos cuidados (as “régas”) das suas compatriotas leitoras. Há aqui, como em todo o prólogo, a indisfarçável crença no valor da obra própria, num registo muito afastado da moderação defendida por Pope. Apesar disso, e ainda que *Zoilo* fosse há muito também um substantivo comum, é possível que essa referência tenha sido tomada do poema inglês, em cujos vv. 464-5 se lê: “*Nay shou’d great Homer lift his awful Head, / Zoilus again would start up from the Dead.*”⁷ (POPE, 1961: 292).

Igualmente a passagem subsequente toma por base quatro dísticos de Pope. Escreve Maia Ferreira:

Se avaliardes a minha linguagem, como na culta Europa, muitas vezes, as Senhoras avaliam os homens pelo traje, por sem dúvida não encontrareis nas minhas fracas inspirações esse bello e brilhante, que á maneira de prisma, espalha por toda a parte as suas côres vistosas (FERREIRA, 2018: [6]).

É grande a semelhança com os vv. 305-312 de *An Essay on Criticism*, cujo ponto de partida é o ditado inglês “Don’t judge a book by its cover”:

Others for *Language* all their Care express,
And value *Books*, as Women *Men*, for *Dress*:
Their Praise is still—*The Stile is excellent*:
The *Sense*, they humbly take upon Content.
Words are like *Leaves*; and where they most abound,
Much *Fruit* of *Sense* beneath is rarely found.
False Eloquence, like the Prismatic Glass,

⁷ Na versão portuguesa de 1810: “e se até o grande Homero erguesse a sua respeitavel cabeça, Zoilo se levantaria outra vez d’entre os mortos.” (POPE, 1810: 95).

Its gawdy Colours spreads on *ev'ry place*;⁸ (POPE, 1961: 274).

Essa proximidade entre os dois textos é ainda mais visível se considerarmos a versão em prosa do Conde de Aguiar, o que permite colocar a hipótese de Maia Ferreira, à época, não ter ainda o domínio do inglês que revelaria depois.

Na conclusão do longo período do poeta angolano que estamos a ver, há uma outra fonte, desta vez portuguesa. Diz Maia Ferreira:

– mas se d'alma pesardes o que eu tambem d'alma escrevi, – e que ousado só a vós dedico, conhecereis, Senhoras, que estes canticos tão pobres, e que de convicção os reconheço despídos de purpuras Reaes – de oiro – e de predarias – são cantos do mais íntimo de minha alma (...) (FERREIRA, 2018: [6]-[7]).

De facto, a lição de Camões é bastante evidente. O autor de *Espontaneidades da minha alma* retoma os dois versos finais do soneto “Enquanto quis Fortuna que tivesse”, que aliás abre a primeira edição das *Rhythmas* e funciona como um verdadeiro prólogo: “E sabey que segund’o amor tiuerdes, / Tereis o entendimento de meus versos.” (1595: 1). É certo que a identificação do luandense com Camões não é total, uma vez que José da Silva declara mais à frente que a sua “pobre e dissonante lyra” é tangida, para além da do amor, por duas outras cordas, Deus e Pátria. Apesar disso, a ligação ao poeta-soldado é indesmentível, sobretudo na sugestão de um laço entre poeta e leitor, resultante de uma experiência de vida filtrada pela alma e traduzida por meio da lira, isto é, traduzida em linguagem artística.

O prólogo de Maia Ferreira termina num registo de aparente modéstia, com o autor a declarar-se fora “do alcance dos virentes louros” dos grandes vultos da poesia, designadamente Vergílio e – se bem leio – Sá de Miranda e Diogo Bernardes. O primeiro é designado por uma antonomásia bastante comum, “musa mantuana”, aliás também presente no poema de Pope⁹. Os segundos não são de identificação tão clara, uma vez que são referidos com base em

⁸ Tradução oitocentista: “Outros poem todo o seu cuidado na *Lingoagem*, e avalião os livros, como as mulheres os homens pelo trajo: o seu elogio he sempre «excelente estylo» contentes com o pensamento do author, seja qual for. As palavras são como as folhas; onde ha mais abaundancia dellas, raras vezes se acha muito fructo e senso: a falsa eloquencia, á maneira do prisma, espalha por toda a parte as suas cores vistosas” (POPE, 1810: 71).

⁹ V. 129: “And let your *Comment* be the Mantuan Muse.” (assim traduzido pelo Conde de Aguiar: “e sirva-vos de commento a Musa Mantuana.” (POPE, 1810: 37)).

metonímias (ou sinédoques) fluviais: “Cysnes do Mondego e do Lima”. Títulos como *O Lyma* e *Rimas Varias. Flores do Lima* serão suficientes para justificar Diogo Bernardes como referente de “Cysne do Lima”, embora o autor seja dado como natural de Ponte da Barca e não de Ponte de Lima. Quanto ao Mondego, o poeta conimbricense clássico mais conhecido é Sá da Miranda, mas há alguns estudiosos que indicam a cidade como berço de Camões. Por outro lado, a antonomásia poderá também indicar alguém que estudou na Universidade local ou que fez do Mondego motivo da sua obra, o que alarga o leque de possibilidades.

Note-se também que o confronto, já não do autor, mas do sujeito poético, com outros vates se repete noutras composições de *Espontaneidades da minha alma*. No texto “Á Exma.^a Senhora D. M. J. Peixoto”, podemos ler: “Se eu fôra do Tejo, e do Lima e Mondego / O Cysne sem par de tão alto clamôr – (vv. 13-4)” e, mais, à frente, “Mas eu não so’ Homero, nem Cysne da França, / Nem Tasso, ou Camões – esses Bardos d’amor!” (vv. 17-18; FERREIRA, 2018: 75-76). Também na composição “No album do meu amigo A. P. da Costa Jubim” se lê: “Se eu fôra qual Cicero fórte clamára / Se qual Fénélon ao mundo escrevêra” (vv. 1-2; FERREIRA, 2018: 127). No poema “A Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria II”, temos ainda: “Se eu fôra o Bardo – esse cantor de Thebas,” (v. 1; FERREIRA, 2018: 129). Ora, todas estas comparações, marcadas embora pela impossibilidade, não deixam de estabelecer um paralelo com as grandes figuras clássicas da poesia e da literatura, acabando assim por traduzir não tanto a modéstia de que se reclamam, mas sobretudo a crença no próprio valor.

Concluindo, podemos dizer que o prefácio de Maia Ferreira, mais que apresentar e defender as *Espontaneidades da minha alma*, revela um autor com certa cultura literária, traduzida em práticas intertextuais sinalizadas desde a epígrafe.

Bibliografia

- ALMEIDA, Leonor (1812). *Poetica de Horacio e o Ensaio sobre a crítica de Alexandre Pope*. Por uma portuguesa. Londres: Off. T. Harper.
- BLUTEAU, Rafael (1720). *Vocabulario Portuguez e Latino (...)*. Vol. VI. Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva.

- CAMÕES, Luís de (1595). *Rhythmas*. Lisboa: por Manoel de Lyra: a custa de Esteuão Lopez.
- FERREIRA, José da Silva Maia (2018). *Espontaneidades da minha alma*. Edição fac-similada. Introdução e organização por Francisco Topa. Porto: Sombra pela cintura.
- GENETTE, Gérard (1987). *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil.
- HOUAISS, Antônio *et al.* (2004). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva / Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia.
- POPE, Alexander (1810). *Ensaio sobre a Critica de Alexandre Pope*. Traduzido em portuguez pelo Conde de Aguiar. Com as Notas de José Warton, do Traductor, e de outros; e o Commentario do Dr. Warburton. Rio de Janeiro: Impressão Regia.
- POPE, Alexander (1961). *Pastoral Poetry and An Essay on Criticism*. Edited by E. Audra and Aubrey Williams. London: Methuen & Co. / New Haven: Yale University Press.
- SILVA, Jorge Bastos da (2000). *Milton e Pope em Portugal (Séculos XVIII e XIX): As Traduções de F. B. M. Targini e o Contexto da Crítica*. “Cadernos de Tradução (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)”. V: 109-132.
- TRIGO, Salvato (s/d). *A francofilia literária de Maia Ferreira*. In *Ensaaios de Literatura Comparada, Afro-Luso-Brasileira*. Lisboa: Vega.